



## Confissões de uma pedagoga sobre a adolescência

Desde que comecei a conviver profissionalmente com adolescentes, tenho buscado entender esta forma de viver e agir no mundo, tentando perceber cada dia mais e melhor o que significa a adolescência.

Volta e meia recorro ao velho e bom dicionário Aurélio. Vou à prateleira, pego aquele exemplar enorme, folheio, encontro o significado e digito vagorosamente: **A-d-o-l-e-s-c-ê-n-c-i-a**. “O período da vida humana que sucede a infância, começa com a puberdade e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se, aproximadamente, dos 12 aos 20 anos)”. Ainda pensando no significado, busco a origem da palavra *adolescente*, que vem do latim *adolescere* e significa “crescer, brotar” – formada por *ad*, “a”, mais *alescere*, “ser nutrido” (de *alere*, “alimentar, nutrir”). Portanto, a adolescência é uma espécie de florada em que, com a superação do corpo infantil, surge o broto que cresce e se torna um corpo adulto.

É também um momento de distanciamento dos pais, que já não são as principais referências e não sabem tudo o que acontece com o filho. Por outro lado, apesar de clamar por autonomia, o adolescente ainda não tem os recursos psíquicos para lidar com as exigências do mundo: uns contestam, outros se submetem, outros se ressentem, alguns deprimem. E, aos trancos e barrancos, vão tentando construir sua liberdade.

E o que dizem os nossos “meninos” quando perguntamos: “o que significa a adolescência?” Respondem imediatamente: “É a transição para uma mente mais madura”; “momento de confusões mentais e corporais”; “É descobrir quem você é”; “É ser rebelde em alguns momentos da vida”. Entre eles, há a ideia de que ser adolescente “é se meter na vida dos outros, ficar com fome de 15 em 15 minutos, querer fazer coisas de adulto, querer se divertir e não estudar, se importar muito com a opinião dos outros e dormir demais”.

A vivência adolescente faz parte da minha rotina e cada dia fica mais evidente que, na realidade, existe uma diversidade de conflitos nessa fase. Eles se encontram em um momento da vida em que querem muito mais do que têm e podem menos do que querem. “Reggae” no condomínio de fulano, cinema com beltrano, fim de semana na casa de praia com a galera... “Não, filho, você ainda está muito novo para isso”. Em meio a todos esses eventos, é preciso manter os estudos em dia, o quarto impecável... “Filho, você já é um rapaz, precisa dar conta das suas obrigações”. Situações como essas são corriqueiras e desafiadoras.

Ao mesmo tempo em que clamam por autonomia, como a liberdade de sair com seus colegas e amigos, sem a companhia de adultos, ainda solicitam cuidados quase infantis: alguém que prepare seu café da manhã, que confira se a tarefa de casa está em dia, que arrume suas camas. Nesse universo de novas demandas, é preciso encontrar a medida certa, juntamente com seus pais e educadores.

E é nessa hora que a função do adulto é essencial para mostrar, através de palavras, diálogos e atitudes, como funciona o mundo, as regras para conseguir (sobre)viver em grupo e, principalmente, dar os limites. Os adolescentes, por sua vez, começam a construir sua visão de mundo, que às vezes não coincide com a dos seus pais.

Alguns adultos se referem a eles como “aborrecentes”, palavra que não existe no Aurélio, mas é dita aos quatro ventos pelos que talvez não se lembrem de que, um dia, já passaram por essa fase. Parece-me que falta paciência e persistência. Além disso, é preciso resgatar a conversa franca, o olho no olho, o limite seguro, sem titubear, sustentados na certeza de que, se permitíssemos tudo, eles ficariam amoralizados e perdidos. Costumo dizer aos pais que ações disciplinares só têm efeito se forem feitas com amor.

Vale ressaltar que se trata de um tempo de passagem, com muitos conflitos e sentimentos antagônicos, tanto de pais como de filhos, em que um novo homem e uma nova mulher se anunciam. Esta deve ser a nossa aposta: que sejam homens e mulheres de bem, íntegros, realizados, capazes de fazer do mundo um lugar melhor para todos.

Sou Maria, pedagoga, orientadora educacional do Villa Campus de Educação. Trabalho com adolescentes desde 2002.

Maria Corrêa é Professora, Pedagoga e tem especialização em Psicopedagogia. Atua no Villa como Orientadora Educacional do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.